



Possibilidades de diálogo entre psicanálise e educação

POR FÁBIO, S. OLIVEIRA

fso07@yahoo.com.br

No início da exploração de textos e autores sobre a relação existente entre psicanálise e educação, o que se encontra é em certa medida desmotivador, pois a ideia de unir as duas ciências aparece em diversos escritos como sendo um desejo impossível e até mesmo uma ilusão ingênua. O fato do pai da psicanálise não ter trabalhado diretamente com assuntos relacionados à sala de aula soma-se a ideias onde psicanálise e educação se organizariam visando objetivos diferentes. Ainda assim, o número de referências que trazem estes dois termos juntos é considerável.

Fruto de seu tempo, a psicanálise permite lidar com uma série de fenômenos em diferentes contextos sociais, o que demonstra certos aspectos fundamentais e atemporais de seu corpo teórico. Com o axioma da influência inconsciente na vida cotidiana, a ideia do controle das ações humanas pela racionalidade é colocada em xeque. As hipóteses freudianas contemplam uma série de variáveis que foram sendo colocadas na experiência ao longo do tempo. Em “O Mal estar na civilização” (1890), Freud coloca nas práticas educativas de repressão e controle das paixões a razão para a infelicidade humana e para o sintoma, visto que do conflito entre os desejos e as restrições da realidade e da vida em sociedade surgiria o (para ele irremediável) sofrimento psíquico. “O homem, como criador e criatura, tem que conviver com essa ambivalência de, por um lado, ser um ser desejante e, por outro, um ser cultural.” (DUPAS, 2008, p83)

Se pensarmos no que tange os objetivos de cada uma das ciências, temos dentre os atributos das práticas educativas a adaptação do sujeito para a vida em sociedade por via do desenvolvimento de determinadas características e pelo controle – seja via repressão, seja via sublimação – de uma série de instintos. Já sobre a égide psicanalítica, temos, é verdade, uma grande parcela inconsciente, indomável e desconhecida; mas não seria uma das tarefas da psicanálise chamar a atenção dos sujeitos para estes aspectos?



E ao perceberem e se responsabilizarem por estes aspectos inconscientes não estariam os sujeitos melhor preparados para desenvolverem suas potencialidades e (con)viverem em sociedade?

Dentre estas obras, destaca-se “Freud Antipedagogo” (2001) de Catherine Millot. Neste texto de referência, a autora coloca em dúvida a possibilidade de uma aplicação da psicanálise no campo educacional. Esta dúvida se justifica pelo fato de que enquanto a psicanálise deseja desvendar os conteúdos inconscientes para assim ajudar as pessoas a resolverem seus conflitos, as práticas educativas tem por objetivo manter estes conteúdos inconscientes “sob controle”, para, desta forma, moldar o sujeito segundo os objetivos da educação vigente. Seguindo a linha de raciocínio de Freud em que as práticas educativas seriam responsáveis pela transmissão e construção dos valores morais, temos a educação como, de certa forma, elemento constituinte das neuroses. Desta forma, ambas teriam objetivos opostos.

Ainda nesta linha de raciocínio que coloca psicanálise e educação em direções opostas, Kupfer (1997) coloca em foco questões subjetivas envolvidas na relação professor aluno na transmissão do conhecimento. Explorando afetos referentes à transferência que poderiam facilitar ou dificultar a relação com o conhecimento e ao ambiente escolar. De maneira inconsciente, cada protagonista do ambiente escolar acaba por colocar nas relações interpessoais afetos e fantasias advindas do Complexo de Édipo e das relações parentais. Este fato tornaria, de certa forma, irrelevante o método e o conteúdo a ser aprendido, pois o que determinaria a aprendizagem estaria fora do controle da razão. Mas será que tanto a descoberta quanto o suposto controle dos conteúdos inconscientes não passariam, obrigatoriamente, pela tomada de consciência destes mesmos conteúdos?

Em uma reflexão posterior sobre o tema, Kupfer (2013) já é mais otimista, trazendo a possibilidade de uma educação psicanaliticamente orientada, ou seja, que conhecimentos e conceitos psicanalíticos podem ser aplicados para melhorar a qualidade da educação. Levando em conta as limitações e as possibilidades da relação professor aluno para a transmissão do conhecimento.



Acreditamos que a psicanálise traz consigo potencial reflexivo para auxiliar na compreensão dos fenômenos relacionados aos processos de ensino e aprendizagem. Seja focando na subjetividade do aluno, do professor ou até mesmo nos valores e relações compartilhados pelas diversas instituições ligadas – direta ou indiretamente – às práticas educativas, o viés psicanalítico propõe novas posturas e paradigmas.

A opção por Marcuse como interlocutor entre a psicanálise e a teoria crítica se pauta nas seguintes razões:

I – O complemento teórico de sua obra “Eros e Civilização” ao monolítico “Mal estar da Civilização” de Freud, traz importantes reflexões acerca da organização subjetiva da sociedade;

II – A unidimensionalidade do sujeito, enquanto consequência da sociedade industrial, parece estar presente também nas práticas educativas, na medida em que elas parecem ter pouco a oferecer à um indivíduo super estimulado e gratificado em demasia;

III – A possibilidade vislumbrada pelo autor de uma espécie de (re)erotização do aprendizado, que traria consigo – a médio e longo prazo – uma condição mais autônoma do sujeito em realizar suas escolhas e participar da vida em sociedade.

Tudo isso se reflete e se estrutura em uma relação dialética entre o sujeito e a cultura pautada na existência d “irracionalidade” do inconsciente. Enquanto membro da cultura contemporânea – independente do nome que ela receba – estamos todos (e as novas gerações cada vez mais) em contato com uma enorme quantidade de informações que fluem a uma velocidade impressionante. “Como instrumento crítico, o freudismo permite a Marcuse explorar os mecanismos pelos quais a cultura unidimensional se interioriza e se perpetua.” (RUANET,2001;199). O ambiente escolar/acadêmico pode (e deve) ser pensado por este viés, no intuito de talvez recuperar a condição agradável do aprendizado. A chamada “*Kulturkritik*” marcuseana pode ser aplicada na investigação e na reflexão não só das práticas pedagógicas, mas principalmente das condições subjetivas e afetivas que servem de substrato para tais práticas.



Ampliando o olhar sobre as problemáticas da aprendizagem para além do determinismo biológico, a introdução da psicanálise no contexto escolar possibilitou novas reflexões sobre a educação, levando em consideração aspectos subjetivos e particulares do sujeito que aprende. Temos, portanto, um exemplo de enriquecimento mútuo da psicanálise e da educação, onde ambas ampliam a compreensão do sujeito infantil e as possibilidades de intervenção através de novas técnicas e paradigmas. Importante ressaltar que não estamos falando da simples transmissão de conceitos de uma ciência para outra, mas sim de uma ampliação das possibilidades de entender e intervir nos fenômenos relacionados ao desenvolvimento do sujeito e aos processos de aprendizagem que ele sustenta.

Ao longo do desenvolvimento das instituições escolares, é possível perceber uma série de mudanças tanto nas técnicas de ensino quanto nas maneiras pelas quais as partes envolvidas no processo de produção/transmissão do conhecimento se relacionam. Tais modificações sempre atreladas ao contexto social, econômico, político e tecnológico da época. Cabe, portanto, o questionamento de como, nos dias de hoje, as práticas educativas se relacionam com as demandas da sociedade em que vivemos. Seria possível pensar a instituição escolar levando em consideração também questões subjetivas inerentes ao ser humano?

Sabemos que a educação é capaz de proporcionar às pessoas a possibilidade de pensar e agir no mundo, de maneira a modificá-lo profundamente. Mas também existe a possibilidade de que os processos educativos preparem os seres humanos para que estes atendam às demandas da sociedade. Sendo assim, é razoável crer que alterações na organização dos valores de uma época venham causar mudanças nas relações estabelecidas entre sujeitos e sociedade, ambos produzindo mudanças mútuas e profundas. Uma mudança em relação ao que é necessário para o sujeito ocupar seu lugar nesta nova realidade. “cada indivíduo é conquistado para a civilização, mas por uma ação que não suprime sua agressividade, antes a inibe e, em parte, a canaliza contra si mesmo.” (BOCA&CAROPRESO, 2011) Os diferentes contextos sociais, políticos e econômicos pelos quais a humanidade tem passado apresentam características que, em



diferentes graus, acabam afetando a forma de professores e aluno interagirem e se relacionarem, fato que inevitavelmente, influencia na qualidade do conteúdo a ser apreendido pelos alunos.

Cabe ressaltar que não estamos ignorando as condições de trabalho do professorado brasileiro; condições que perpassam pelo custo de vida em nosso país, ao acesso ao local de trabalho, à infraestrutura e a todos os outros problemas passíveis de solução com a aplicação justa de nossos impostos. Consideramos a quantidade de alunos por professor e o salário elementos perturbadores nos processos de ensino e aprendizagem, mas infelizmente, o alcance deste trabalho é bem limitado na resolução destes problemas. Entretanto, acreditamos que o olhar psicanalítico pode contribuir para a compreensão do tipo de relação e da qualidade do vínculo estabelecidos entre docentes, discentes, instituições de ensino e seus valores e conteúdos. “Se, na época de Freud, reclamava-se que o silêncio imposto pelos professores não era saudável, pois o desejo (o que incomoda, o instinto, a pulsão) se realiza no dizer, e agora, quando ninguém mais se escuta e o silêncio é raro.” (MOURA E SILVA, 2009; 274)

Tanto em um extremo quanto em outro, a configuração escolar não permite que os papéis e métodos sejam repensados com o propósito de otimizar os processos de ensino e aprendizagem. A palmatória é tão nociva para a saúde psíquica quanto a falta de limites e de referenciais de autoridade. Na dúvida sobre que método utilizar e que postura adotar, a autoridade docente fica deslocada – talvez até sem lugar – e modelos “inovadores” e “releituras” teóricas passam a atribuir voz e força a sujeitos que não se encontram preparados para lidar com isso e conduzir o próprio processo de formação.

Abordaremos agora as possibilidades de interlocução entre psicanálise e educação, tendo como foco a estruturação e organização subjetiva das pessoas segundo preceitos psicanalíticos – onde, dentre outros paradigmas, as ações humanas tem sua origem e são determinadas em grande parte por aspectos desconhecidos ao sujeito – este trabalho tem por objetivo explorar os vínculos estabelecidos entre as pessoas inseridas nos processos de ensino e aprendizagem, visando compreender as maneiras que elas se relacionam e, principalmente, as eventuais causas de suas posturas, vislumbrando a



possibilidade de avaliar as disponibilidades para o aperfeiçoamento de seus efeitos. Para tanto, será utilizada como ferramenta de trabalho a visão psicanalítica acerca da construção do psiquismo dos indivíduos, mais especificamente de suas pulsões (de vida e de morte) e as maneiras pelas quais estas instâncias se manifestam nas práticas e nos posicionamentos relacionados ao ensino e à aprendizagem.

Sem desconsiderar as críticas sobre a impossibilidade da relação entre psicanálise e educação, propomos uma mudança de perspectiva onde a psicanálise:

I – Possibilita reflexões importantes acerca dos processos educativos e seus envolvidos;

II – Ao permitir ao sujeito acesso, mesmo que parcial e indireto, a seus conteúdos inconscientes, o habilitamos para lidar com a realidade de maneira menos ingênua;

III – Coloca a responsabilidade pelo sucesso/fracasso do aprendizado em todos os envolvidos no processo; sem propor receitas ou fórmulas mágicas.

Seja com intuito profilático ou interventivo, o uso da psicanálise agrega às práticas educativas novas possibilidades de compreensão/intervenção de fenômenos como dificuldades na aprendizagem, desmotivação, violência e outros tipos de situações comuns no cotidiano escolar.

Cabe ressaltar que a proposta psicanalítica propõe dois lados do fenômeno: a subjetividade do “objeto de estudo” (aluno, paciente, etc.) e a subjetividade do observador, seja ele o analista ou o professor. Assim sendo, as vivências individuais são valorizadas e precisam ser levadas em conta para qualquer tipo de entendimento ou intervenção.

Por parte do aluno, existe uma série de desejos operando simultaneamente; desejos estes muitas vezes ambivalentes. O querer aprender – que exige sacrifícios a médio e longo prazo – concorrem com a vontade de bagunçar e se divertir. Consequências muitas vezes não são consideradas antes das tomadas de atitude, e razões inconscientes influem na maneira como nos colocamos nas situações. “Despertar o desejo pelo saber



no aprendiz é o auge que uma postura clínica pode almejar no processo educacional.”
(MOURA E SILVA, 2009 ; 269)

É possível perceber, tendo como prisma a psicanálise, como não só a subjetividade do aluno influi na dinâmica dos processos de aprendizagem, visto que o desejo de ensinar que parte da figura do professor varia de acordo com sua história de vida e com a maneira que ele introjetou suas experiências. Experiências estas não necessariamente relacionadas de maneira direta com situações de ensino e aprendizagem. Já por parte do docente, aspectos subjetivos também fazem parte das variáveis que levam o sujeito a se empenhar na tarefa de ensinar.

Portanto, é do encontro do desejo de ensinar do professor com a vontade de saber do aprendiz que a relação pedagogia começa a se esboçar. O contexto no qual este encontro ocorre é importante (ambiente físico, recursos materiais, tempo) assim como os são aspectos subjetivos, como as imagos internas de cada um dos envolvidos, aspectos inconscientes e transferenciais. A figura do professor desfruta, invariavelmente de uma espécie de “aura transferencial” (VOLTOLINI, 2011), que pode facilitar ou dificultar a relação professor/aluno e a relação do discente com o conhecimento.

Partindo do modelo edípico freudiano, onde a criança encontra uma figura que desempenha a função materna (cuidados e gratificações) e uma figura que exerce a função paterna (colocar limites nas gratificações e fazer a criança levar em consideração os elementos da realidade), é possível expandir a reflexão para o contexto escolar, onde a criança é convidada – ou empurrada – para o contato com uma série de regras e rotinas que acabam, cedo ou tarde, por frustrar seus desejos. “Ao entrar subitamente em um outro meio, a criança experiência este outro meio, no caso a escola, como um mundo hostil.” (CORREA, 2011;792). Na insegurança vivenciada pelo contato com uma realidade que frustra, os sujeitos se organizam (de diferentes formas, da maneira que podem) para se protegerem e lidarem com esta situação. Sintomas físicos, posturas agressivas, dificuldades em seguir orientações e desempenhar tarefas podem estar indicando uma forma de protesto da criança por estar inserida nesta realidade.



Claro que a figura que desempenha a função paterna não traz apenas aspectos negativos e persecutórios, pois ela também contribui para o desenvolvimento da criança, fornecendo amor, proteção e a encorajando rumo à autonomia. “as atitudes ambivalentes referidas de amor e ódio ao pai temido e admirado ao mesmo tempo são transferidas aos professores e aos colegas.” (CORREA, 2011; 794) Percebemos, portanto, que a subjetividade e os afetos “trazidos de casa” pela criança perambulam pelo ambiente escolar, o que representa uma faca de dois gumes para os processos educativos: se por um lado podem facilitar as relações e a aprendizagem, por outro – quando ignorados ou mal manejados – podem atrapalhar tudo o que se refere à escola e aprendizado.

A aproximação da figura do professor com as imagens parentais via transferência desempenha – a partir do inconsciente dos alunos – influência ativa nas relações estabelecidas e nos processos de aprendizagem. Neste contexto, uma comunicação a nível inconsciente ocorre, fazendo com que o aluno, diversas vezes sem perceber, acabe projetando e transferindo afetos oriundos das relações parentais para a figura do professor; este, por sua vez, pode acabar reagindo a estes afetos sem perceber. Esta comunicação transferencial-contratransferencial, quando não trazida para a esfera consciente das relações, pode dificultar e muito os processos de aprendizagem e influir no tipo de vínculo estabelecido nas relações.

Consideramos importante salientar que o intuito de Freud ao pensar psicanaliticamente a educação e a socialização – em especial a questão dos limites – não era abolir a hierarquia, regras e limitações, mas sim repensar a intensidade com que estes elementos eram utilizados nos processos educativos. A temática sobre até onde autoridade docente e liberdade discente podem ir sem prejudicar os processos de ensino aprendizagem é antiga, e a resposta definitiva ainda não chegou. Isto porque muitas variáveis estão em jogo e as maneiras de reagir/interagir dos elementos envolvidos, além de diversas, se estruturam em uma parte da subjetividade cujo acesso é restrito, parcial e indireto.



Na visão psicanalítica de mundo o conceito de inconsciente é fundamental para a compreensão do funcionamento da mente humana e de seus fenômenos derivados. No lugar de relações lineares de causa e efeito e da racionalidade, a existência do inconsciente propõe que grande parte de nossos atos são pautados e motivados por sentimentos e razões por nós desconhecidos. Portanto, ao presenciar algum ato de indisciplina é possível perceber não apenas o ato em si, mas sim a expressão de uma dinâmica inconsciente construída ao longo das histórias de vida dos sujeitos que tenta “se atualizar” via relações transferenciais e ontratransferenciais. Se o professor é amado ou odiado pelos alunos, muito se deve à questões inconscientes dos envolvidos.

Por sua natureza atemporal, o inconsciente coloca em pauta a resolução/recordação de fatos e fantasias ocorridos em um passado distante. Se camuflando nos elementos de uma nova relação, modelos de relações antigas tentam se presentificar na tentativa de obterem satisfação. Convencidos por afetos que desconhecemos, encontramos “razões lógicas” para justificar nossas ações e posturas. Acabamos por expressar – mesmo que sem perceber e de maneira disfarçada – conteúdos de nossa vida inconsciente.

Vida e morte, construção e destruição, movimento e repouso são forças que agem nos sujeitos de dentro para fora sem que se possa fazer muita coisa para impedir suas expressões. Para a psicanálise, nos tornamos menos impotentes frente a estes aspectos quando passamos a prestar atenção neles e à considerar suas influências em nossas ações cotidianas. E não poderia ser diferente, visto que o tempo vem consagrando a psicanálise como uma importante ferramenta de leitura de mundo, possibilitando uma compreensão mais ampla dos fenômenos humanos e permitindo intervenções diferenciadas. Havendo nos processos educativos uma rica variedade de fenômenos humanos, a utilização da Psicanálise para tentar compreender e intervir no ambiente escolar e seus desdobramentos parece algo – até certo ponto – natural.

A utilização da psicanálise como ferramenta de compreensão de mundo não é algo simples – e para muitos inaceitável – visto que ela parte do paradigma da impossibilidade de acesso direto a uma parcela grande e determinante do



funcionamento da mente humana: o inconsciente. Sua existência e influência no comportamento humano nos alerta acerca de nossa (falsa) onipotência.

A hipótese de causar “traumas” no desenvolvimento infantil assombra grande parte dos pais e dos educadores e serve de justificativa para uma série de posturas. A questão que cabe ser colocada é: O que é trauma psicológico? E em seguida, cabe perguntar o que seria causador de um trauma e como/se eles poderiam ser evitados. Com a difusão dos saberes da psicologia e da psicanálise houve uma “pseudo-divulgação” de conceitos para o grande público, o que gerou mal entendidos e condutas equivocadas. Torna-se necessário, portanto, a dissolução destes mal entendidos para que as reais contribuições – tanto da psicologia, quanto da psicanálise - sejam aproveitadas pelo discurso e pela prática pedagógica.

Se com a aproximação da psicologia às práticas educativas havia o intuito, a esperança e o desejo de que, ao estudar o desenvolvimento humano, os processos de aprendizagem e as relações humanas, a psicologia viria a solucionar os problemas da educação. A aproximação da Psicanálise com a Educação trouxe uma constatação mais difícil de digerir: a existência do inconsciente e sua influência – muitas vezes ignorada – nos fenômenos humanos. Sendo a educação e a socialização pertencentes à esfera destes fenômenos, também nelas a influência do inconsciente se faz presente.

Considerações Finais

Ao longo deste trabalho, foi possível entrar em contato com algumas leituras que defendiam a impossibilidade da utilização da psicanálise para fins pedagógicos. Entendemos a divergência de objetivos destas duas ciências se – e somente se – levarmos em consideração apenas o fato de que enquanto a psicanálise prega a ausência total de controle sobre os conteúdos inconscientes e a educação professa a missão de “domesticar” os impulsos inconscientes a fim de garantir o equilíbrio da vida em sociedade. Entretanto, quando ampliamos esta visão, focando não no “objetivo final” de cada uma das ciências em questão, mas levando em consideração o que a psicanálise



tem a dizer acerca do fenômeno humano e como as relações interpessoais estão presentes no campo pedagógico, esta ideia de impossibilidade desaparece.

Não pretendemos aplicar diretamente a teoria psicanalítica na educação, mas sim propor uma reflexão acerca da possibilidade da psicanálise mostrar, por outro viés, o que estaria envolvido no sucesso e no fracasso escolar. Aplicando a psicanálise enquanto instrumento de leitura dos fenômenos relacionados às práticas educativas, o professor pode obter um auxílio na compreensão do que acontece com seu aluno, pois reconhece nele uma subjetividade, composta por afetos, conflitos e fantasias inconscientes que influem diretamente em seu desempenho e sua postura na escola. Munido desta visão mais ampla, é possível descobrir maneiras mais eficientes de obter sua atenção e seu interesse, para que o conhecimento possa ser transmitido e o respeito mútuo possa ser estabelecido.

Nos ambientes de ensino e aprendizagem, o que parece prevalecer enquanto motivação para frequentar estes espaços é a possibilidade de encontro com os pares; o que poderia ser louvável se não fosse o seguinte detalhe: encontro saturado de modelos de relação que privilegiam a identidade constituída pelo “valor comercial” do consumo de informações, bens materiais e estilos de vida. A promessa da instrução como meio de ascensão social e possibilidade de ampliar as potencialidades dos sujeitos e, conseqüentemente, da sociedade parece perder o sentido – e a viabilidade – frente à sedução exercida pelas “atrações” de nosso dia-a-dia que prometem (e por diversas vezes cumprem) a gratificação imediata de desejos inconscientes – uns mais, outros menos – de poder, completude, sensualidade e inesgotabilidade.

O efeito final da unidimensionalização da realidade e do pensamento é a produção do consenso integral. O indivíduo satisfaz necessidades heterônomas, achando que está satisfazendo suas próprias necessidades. Seu comportamento é regido por exigências externas, quando julga estar agindo livremente. (RUANET, 2001;208)

No engodo de estar se “rebelando” contra instituições de ensino opressoras – o que muitas tentam ser, mas no momento não é esta a discussão – na ilusão de estar buscando nos meios de comunicação (em especial na internet) a resposta para as



questões que, segundo muitos, a escola não é capaz de responder, uma parcela considerável das pessoas torna-se engrenagem de um sistema cuja estratégia de opressão é a atmosfera de liberdade e a ampla gama de maneiras de usufruí-la.

A possibilidade de utilizar uma parcela das energias pulsionais para fins acadêmicos auxilia o aprendiz no processo de amadurecimento e facilita sua inserção e adaptação à sociedade. Na medida em que o inconsciente – tanto do aluno, quanto do professor – não é ignorado, ambos podem trabalhar para que a energia dele advinda seja aproveitada – pelo menos em parte – no desempenho de tarefas e na aprendizagem, facilitando as relações estabelecidas entre as partes envolvidas e a vinculação do aprendiz com a prática investigativa e com o respeito à alteridade e à subjetividade alheia.



Referências

BOCCA, F.V. CAROPRESO, F. AGRESSIVIDADE E RELACIONAMENTO SOCIAL EM FREUD, 127 a 142 in CANDIOTTO, C. (ORG) **Ética, abordagens e perspectivas** Curitiba, Paraná. Editora Champagnat: 2011.

CORREA, C.R.G.L. **A Inauguração da Interlocução entre a Educação e a Psicanálise no Brasil; Arthur Ramos, Transferência, ideal e Autoridade.**

PSICOLOGIA USP, São Paulo, 2011, 22(4), 789-811.

CUNHA, M. V. **Psicologia da Educação**, Rio de Janeiro, DP&A editora: 2003.

DUPAS, M. A. **Psicanálise e Educação, Construção do vínculo e desenvolvimento do pensar.** São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2008.

FREUD, S. **O mal estar da civilização**, Rio de Janeiro; Imago editora: 1930-1936.

KUPFER, M. C. **Freud e a educação: o mestre do impossível.** 2. ed. São Paulo: Ed. Scipione, 1996.

KUPFER, M. C. **Educação para o futuro. Psicanálise e Educação.** São Paulo; Ed. Escuta: 2013.

MOURA, F. SILVA, T.E. A educação clínica como metodologia pedagógica: Investigação sobre a aplicação da psicanálise na área educacional em Minas Gerais in **Educação em Revista** | Belo Horizonte | v. 25 | n. 01 | p. 265-291 | abr. 2009.

MILLOT, C. **Freud antipedagogo.** Jorge Zahar. Rio de Janeiro: 2001.

RUANET, P. S. **Teoria Crítica e Psicanálise.** Rio de Janeiro; Tempo Brasileiro: 2001

SILVA, N. P. **Ética, Violência e Indisciplina nas Escolas.** Rio de Janeiro:

Editora Vozes, 2005.

VOLTOLLINI, R. **Educação e Psicanálise.** Rio de Janeiro, Editora Zahar: 2011.